

Visão filosófica dos defeitos do caráter (*)

OWALDO EVANDRO CARNEIRO MARTINS (*)

Fica obscura a questão dos *defeitos* insertos nos *tipos*. É que a *formação* pode estancar no *natural* (*temperamento e faculdades*). O caráter freqüentemente inexistente nos extremos das *propriedades fundamentais*, os quais são definidos por causas psicofisiológicas. O moralista, o pedagogo e o psicólogo aplicadores do *teste caracterológico* cedem o campo nessa hipótese ao psiquiatra.

Há que tomar a Caracterologia como ciência social, o que não condiz com o enfoque médico, nem com a tendência de subsumir o caráter à personalidade, como quase sempre se verifica na Psicologia. Os casos supramencionados não são caracterológicos. A formação é um processo de *socialização* e não uma terapia. Os defeitos, decorrentes que são de *vícios*, deperecem com a supressão destes, mas os que se radicam no natural - hereditários, congênitos ou acidentais - são considerados doença e podem persistir residualmente.

Os defeitos do caráter foram estudados e entregues à ciência por Teofrasto (372-288 a c.), mas a Mística deles se apoderou durante séculos e séculos. E hoje psicólogos e psiquiatras tentam destruí-los biologicamente, bioquimicamente ou, mesmo, psicologicamente. Ora, mister se faz distinguir os fenômenos que pertencem à Caracterologia, entre os quais se incluem a *descaracterização formacional*, que pode ser revertida por *ressocialização*.

São absolutamente impertinentes à Caracterologia a minitração de drogas, o bloqueio de funções e a ablação de órgãos,

(*) Sócio efetivo do Instituto do Ceará.

como meios formativos ou transformativos do caráter. O *adepto* ante o moralista, o *discípulo* ante o pedagogo e o *cliente* ante o psicólogo não devem sofrer nenhuma compulsão corporal.

O defeito transcende o teste. Eis por que é necessário identificá-lo, para cortar-se do veso de considerar tipos categóricos de caráter como infensos aos defeitos. Os poetas Lúcio Domício Nero Cláudio (37-61) e Omar Ibn Ibrahim Al Khaiyam (1040-1124), por exemplo, eram de tipo *sentimental*, tendo o primeiro acentuados defeitos de caráter, ao contrário do segundo. Podem ser rastreadas em ambos as condições que lhes foram oferecidas na juventude e que lhes determinaram a evolução, a estabilização ou a defecção do caráter.

Para fins de *teste crítico*, saiba-se que o jovem Nero, filho de Aenobarbo e Agripina, ambos amorais, surpreendia o seu pai, que achava impossível pudesse o filho não se assemelhar moralmente aos progenitores. Belo de rosto e de corpo, artista consagrado nos concursos de cítara e de flauta, atleta laureado nas corridas de carro, imperador triunfal aos 17 anos e ótimo administrador durante o primeiro lustro do seu governo, o mancebo fora educado pelo grande filósofo estoico Sêneca. E não se estranhe que ele fosse adotado pelo Imperador Cláudio, em detrimento de Britânico, filho legítimo, a instâncias da nova esposa do imperador, exatamente Agripina. Natural seria, pois, que Nero ficasse ufano, narcísico, cioso de si mesmo, portanto vulnerável a lisonjas, passível de reações perigosas e afeiçoado a caprichos. Por pressões maternas, desencadeou-se nele então o processo que lhe degingolou o caráter, mas o que de moralmente positivo manifestara em sua *conduta* perdurou por muitos anos, nas flores que o povo depositava por gratidão em sua sepultura. Os inimigos procuraram, porém, conspurcar-lhe a memória, ao mesmo tempo que ocultaram tudo quanto tivera de bom no caráter.

Paralelamente, veja-se o exemplo de Khaiyam, cujo nome é o da profissão paterna, ou seja, "fabricante de tenda". Seu professor foi o imã Muwaffak, um sábio. Decididamente vocacionado para a Matemática e a Filosofia, Khaiyam se dedicou de corpo e alma a suas atividades intelectuais, no que foi amparado por um estipêndio anual de 10.000 dinares, concedido pelo vizir Nizam Al

Malik, ex-colega de aula e amigo seu. Sabe-se que ele, Malik e Hassah Ben Sabbah fizeram, à conclusão da escola, um juramento: o primeiro que obtivesse poder ajudaria os outros. Foi Malik o bem sucedido mais rapidamente, atingindo o posto de vizir. Sabbah solicitou a Malik um cargo de mando, enquanto Khaiyam pediu-lhe um salário para prosseguir tranqüilamente seus estudos. (Caracterologicamente sintomático é que Sabbah promovesse mais tarde uma revolta contra Malik). A questão crucial que preocupou Khaiyam a vida inteira foi sempre o destino e o fim da existência humana, para os quais nunca encontrou resposta, o que não lhe obstou a que ele fosse o mais culto do país e realizasse feitos e missões dos mais honrosos, *verbi gratia*: dirigir o Observatório de Merv, reformar o Calendário Muçulmano, elaborar notas sobre o geômetra grego Euclides, proceder a estudos persas e escrever as imortais quadras do *Rubaiyat*. Nestas últimas causticou seus contemporâneos farisaicos e exaltou as excelências do vinho, único lenitivo para seu drama gnósio-escatológico. Condenaram-no, mais por inveja e raiva, impotentes ante as incômodas verdades que ele - superiormente - lhes dizia, do que pelo vício etílico do mesmo. Um antigo discípulo seu contava que o mestre, certa feita, dissera desejar que o vento norte desfolhasse rosas sobre o seu túmulo e, por coincidência, pôde testemunhar como se cumprira essa aspiração, anos depois, ao passar pela cidade do poeta e visitar-lhe a sepultura, quando observou que a ventania transportava das árvores vizinhas centenas de flores, depondo-as sobre o túmulo, tantas que não se podia ler, neste gravado, o nome de Khaiyam.

Os defeitos são o reduto dos conflitos fronteiriços entre os domínios infraestrutural e supraestrutural do caráter. Não há por que conceder como que isenções alfandegárias às pessoas, determinando o predomínio do natural nos processos de socialização e *moralização*. Em termos destes, a religião quase exclusivamente enfeixou, ao longo da história, todas as manifestações do caráter confinadas no *campo da consciência*, sedimentadas na conduta e incorporadas às atitudes.

Nietzsche explica a consolidação da idéia de Deus e a conceitua como moralização do dever, isto é, não radica o fenómeno referido na estrutura biopsíquica, mas na estrutura sócio-

moral. O caráter consiste em aquisições do meio social, dos costumes humanos, da conduta das pessoas e das atitudes individuais, constituídos em *automatismos psíquicos* e *estereótipos dinâmicos*. Vigete aí o *hábito*, que deve distinguir-se do *instinto* e pode transformar-se em vício e gerar os defeitos, que são de duas ordens: uns (meio e costume) e os outros (conduta e atitudes) como reflexos fixados e convertidos em objeto de formação do caráter e de descaracterização formacional. O sistema caracterial funciona sob pressão de normas que promanam do grupo (coletivo) e não da pessoa (individual), que é então compelida a uma conduta consentânea aos *interesses dominantes*. Kant, diferentemente disso, admitiu uma lei moral interior - preexistente e superior aos interesses - o que contradiz o princípio de que o caráter resulta de uma aquisição, de um acréscimo ao natural, de uma contribuição do meio e dos costumes, de conduta e das atitudes.

Essa entidade kantiana prescindiria de condições objetivas, logo os defeitos implicar-se-iam nela, o que é diferente de supor a formação do caráter - extrínseca, relativa e perfectiva - cujo fim é a vedação dos defeitos e da descaracterização formacional. Ela não deveria, pois, permitir a defecção do caráter, que entanto pode ocorrer por distorções na socialização e na moralização.

Os defeitos, portanto, não mudam as *características* e estas tampouco mudam por descaracterização formacional. O que há de permanente no caráter são as características, assentes no temperamento e racionalizadas nas faculdades. E assim como a característica é *intensiva ou extensiva*, o defeito - negatividade do caráter - pode existir desde um máximo até um mínimo. A formação tem esse intervalo para operar. Aliás, também a descaracterização formacional o tem.

Estão na essência da formação do caráter a socialização da pessoa, bem assim a moralização do dever. O indivíduo de bom caráter - livre e responsável - respalda-se nele e contrapõe-se incoercivelmente aos vícios e defeitos com atitudes mentais, valores humanísticos e atos éticos. A descaracterização formacional cria dependências psicológicas e não consente com as mencionadas liberdades atitudinal, axiológica e comportamental, porque se pauta

por hábitos dissentâneos da *totalidade*. Ela concerne ao particular do grupo em detrimento do geral da humanidade, voltada a interesses que não se coadunam com a *legitimidade*.

Os grupos aferrados aos interesses opõem-se entre si e vão despojando as pessoas das *virtudes fraternas*. Terminam estas então por ser apenas corporativas e como tal ilegítimas, pois calcadas em vícios estimulados ou engendrados. A descaracterização formacional manipula ou suscita defeitos, de modo que o caráter nos seus extremos poderá ser destruído. Evidentemente o indivíduo, nessa eventualidade, passa a objeto extra-caracterológico.

(*) Este texto constitui o § 21 da obra inédita do autor intitulada *Estudar o Caráter*. Nota bene: os grifos foram apostos a conceitos caracterológicos, no excerto, para efeito didático e advertências do leitor sem acesso ao livro original.